

## A experiência do projeto de extensão Una-se contra a LGBTfobia: ações a favor de uma cultura do respeito à diversidade sexual e de gênero no ambiente universitário

### The experience of the extension project Unite against LGBTfobia: actions in favor of a culture of respect for sexual and gender diversity in the university environment



<http://eoi.citefactor.org/10.11248/ehum.v9i2.1961>

**Roberto Alves Reis**

Professor do Instituto de Comunicação e Artes do Centro Universitário Una, Belo Horizonte  
Jornalista e mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).  
Coordenador do projeto de extensão Una-se contra a LGBTfobia  
[robertocomunica@yahoo.com.br](mailto:robertocomunica@yahoo.com.br)



**Jacson Dias**

Graduando em Cinema e Audiovisual pelo Centro Universitário Una, Belo Horizonte  
Integrante do projeto Una-se contra a LGBTfobia.  
[jacsonbaco@hotmail.com](mailto:jacsonbaco@hotmail.com)



**Gael Benitez**

Graduando em Jornalismo Multimídia pelo Centro Universitário Una  
Integrante do projeto Una-se contra a LGBTfobia.  
[gaelcbenitez@gmail.com](mailto:gaelcbenitez@gmail.com)



Recebido em: 01/10/2016 – Aceito em: 06/01/2017

**Resumo:** O presente artigo resgata a trajetória do Una-se contra a LGBTfobia, projeto de extensão vinculado ao Instituto de Comunicação e Artes do Centro Universitário Una, de Belo Horizonte. Desde 2011, o projeto promove ações em prol de uma cultura de respeito à diversidade sexual e de gênero no ambiente universitário.

**Palavras-chave:** LGBT, Direitos Humanos, Universidade.

**Abstract:** In this article the author describes the trajectory of “Una-se contra a LGBTfobia”, an extension project situated in the Institute of Communication and Arts of Una University Center. Since 2011, this project promotes actions for a respect culture for sexual and gender diversity in the university.

**Keywords:** LGBT, Human Rights, University.

#### Introdução

Estudiosos têm apontado a escola no Brasil como uma das instituições em que situações de homofobia e transfobia são frequentes no dia a dia de estudantes. Pesquisas evidenciam que a escola e a família

“se revezam como o primeiro e o segundo pior espaço de discriminação homofóbica” (PRADO; JUNQUEIRA, 2011, p. 59). “Consentida e ensinada na escola, a homofobia expressa-se pelo desprezo, pelo afastamento, pela imposição do ridículo” (LOURO, 1999, p. 29). Homofobia e transfobia manifestam-se de diferentes maneiras no cotidiano escolar de lésbicas, *gays*, bissexuais, travestis e transexuais, ou seja, dos estudantes LGBT.

Tratamentos preconceituosos, medidas discriminatórias, ofensas, constrangimentos, ameaças e agressões físicas ou verbais têm sido uma constante na vida escolar e profissional de jovens e adultos LGBT. Essas pessoas vêm-se desde cedo às voltas com uma “pedagogia do insulto”, constituída de piadas, brincadeiras, jogos, apelidos, insinuações, expressões desqualificantes – poderosos mecanismos de silenciamento e de dominação simbólica (JUNQUEIRA, 2009, p. 17).

Miskolci (2010, p. 79) ressalta que, “durante muito tempo, a escola e, em especial, a sala de aula foram encaradas como locais sexualmente neutros. A formação de educadores e o comportamento que deles se esperava enfatizavam seu caráter supostamente sexuado”. No entanto, para o autor, a escola nunca foi neutra. Um indicativo seria o silêncio dos educadores frente a estudantes que não se adequariam ao comportamento da maioria. “O silêncio e a tentativa de ignorar o diferente são ações que denotam cumplicidade com valores e padrões de comportamento hegemônicos” (MISKOLCI, 2010, p. 80). O silêncio quer eliminar o incômodo causado por aquele que escapa da norma.

Na verdade, o que se estabelece no espaço escolar é algo mais complexo e violento do que se pode parecer à primeira vista. A identidade e a classificação dos ‘estranhos’ revelam a certeza de que as crianças e os jovens aprenderão a ser ‘normais’ não apenas por meio de bons exemplos, mas também pelo reconhecimento e pela rejeição daqueles que constituem ‘maus exemplos’. A escola ensina a estranhar aqueles que manifestam interesses sexuais por colegas do mesmo sexo, portanto, tem papel ativo na transformação de sua diferença em algo que espera que os outros estudantes venham a identificar como incorreto, inaceitável e até mesmo desprezível (MISKOLCI, 2010, p. 80).

Vale salientar que pesquisas recentes indicam que o quadro não é muito diferente no ambiente universitário: persiste um alto grau de preconceito entre os estudantes e o tempo passado na universidade interfere pouco em ideias pré-concebidas referentes à diversidade sexual e de gênero, embora o nível de preconceito varie de acordo com características sociodemográficas e crenças religiosas<sup>1</sup>.

Como pano de fundo, na sociedade brasileira, encontra-se um quadro de intensa violência contra pessoas LGBT. Apenas em 2015, 318 LGBT foram assassinados por crimes de ódio, de acordo com o Grupo Gay da Bahia, ONG responsável por levantar esses números<sup>2</sup>. O país ocupa o primeiro lugar no *ranking* de assassinato de travestis e transexuais, de acordo com a ONG Internacional Transgender Europe. De janeiro de 2008 a dezembro 2015, foram 802 assassinatos<sup>3</sup>. Ao lado da violência física, outras formas de violência – humilhações, exclusões, silenciamentos e negação de direitos – ainda vicejam em várias instituições do país. “Cada insulto proferido evoca, assim, a existência de uma ordem sexual e de uma hierarquia. Portanto, a primeira tarefa pedagógica consistiria em questionar essa ordem heterossexista e em enfatizar que a hierarquia de sexualidades é tão detestável quanto a de raças ou de sexos.” (BORRILLO, 2010, p. 109). Esse trabalho de des-

<sup>1</sup>Para mais informações ver: COSTA, Angelo Brandelli et al. Prejudice toward gender and sexual diversity in a Brazilian Public University: prevalence, awareness, and the effects of Education. *Sexuality Research and Social Policy*, v. 12, p. 261-272, dez. 2015.

<sup>2</sup>Disponível em: <<https://homofobiamata.wordpress.com/>>. Acesso em: 11 set. 2016.

<sup>3</sup>Disponível em: <<http://tgeu.org/transgender-day-of-visibility-2016-trans-murder-monitoring-update/>>. Acesso em: 11 set. 2016.

construção reverbera e reforça a própria noção de democracia presente nas sociedades contemporâneas.

Na realidade, a homofobia constitui uma ameaça aos valores democráticos de compreensão e respeito por outrem, no sentido em que ela promove a desigualdade entre os indivíduos em função de seus simples desejos, incentiva a rigidez dos gêneros e favorece a hostilidade contra o outro (BORRILLO, 2010, p. 106).

Fica, portanto, a questão formulada por Miskolci (2010, p. 84): “Diante do exposto, o que a escola e mais especificamente, os educadores podem fazer? Quebrar o silêncio sobre a sexualidade e suas modalidades é um bom começo” .

## Construindo uma cultura de respeito

Há cinco anos, o projeto de extensão Una-se contra a LGBTfobia, que tem origem no Instituto de Comunicação e Artes do Centro Universitário Una, em Belo Horizonte (MG), promove ações que visam à construção de uma cultura do respeito aos direitos humanos e à diversidade sexual e de gênero no ambiente universitário com foco em uma formação cidadã dos futuros profissionais.

Pensar em uma cultura do respeito significa considerar as múltiplas relações que se dão em uma instituição de Ensino Superior, os diversos atores envolvidos, com suas visões de mundo, vivências e expectativas. Desse modo, incentivar uma cultura de respeito aos direitos humanos e à diversidade sexual e de gênero no ambiente universitário implica, por exemplo, acolher calouros LGBT do Instituto de Comunicação e Artes ou que se interessam pelo tema, propiciando-lhes um momento de escuta e encontros informais: seja em um grupo no aplicativo *WhatsApp*, com o sugestivo nome “O afeto te afeta?”, seja no grupo “Una-se” no *Facebook*, no qual se trocam referências bibliográficas sobre o assunto e se postam reportagens que discutem a questão LGBT e de outras minorias. Semestralmente, piqueniques são organizados em praças da capital mineira para conversas informais e troca de experiências.

Pensar em uma cultura do respeito significa também compreender que as ações não podem ser voltadas apenas a estudantes. Requer considerarmos os vários sujeitos que dão vida, fazem a escola existir como escola em suas múltiplas e complexas interações: professores, funcionários administrativos (receptionistas, porteiros, dos serviços gerais...), coordenadores de cursos, membros dos colegiados e diretores de diferentes *campi*. É importante que todos e todas sintam-se fazendo parte de um local no qual o respeito às diferenças seja um valor maior e estejam abertos a repensarem (e, em alguns casos, desconstruírem) conceitos e práticas, pois, como lembram Prado e Machado:

Se há um elemento paradoxal no preconceito é que ele nos impede de ‘ver’ que ‘não vemos’, e ‘o que é que não vemos’, ou seja, ele atua ocultando razões que justificam determinadas formas de inferiorizações históricas, naturalizadas por seus mecanismos. Em outras palavras, o preconceito nos impede de identificar os limites de nossa própria percepção da realidade (PRADO; MACHADO, 2008, p. 67).

O projeto Una-se contra a LGBTfobia busca ser um catalisador, propiciando experiências de sensibilização, empatia e conscientização no ambiente universitário. Assim, por exemplo, em abril de 2015, foi aprovada no Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão do Centro Universitário Una a resolução apresentada pelo Una-se contra a LGBTfobia, em parceria com o curso de Direito da Una, que garante o respeito ao uso do nome social para estudantes travestis e transexuais da instituição em todos os documentos internos – chamada, listas de presença, provas e trabalhos. A resolução ainda orienta que “os discen-

<sup>7</sup>Resolução n. 144/2015. Disponível em: <<https://www.una.br/box/uploads/2015/09/Resolu----o-144-2015-Disciplina-ado----o-do-Nome-Social-e-a-utiliza----o-de-espa--os-segregados-por-g--nero.pdf>>. Acesso em: 11 set. 2016.

tes que solicitarem o reconhecimento e a adoção do nome social, no âmbito do Centro Universitário Una, serão tratados exclusivamente por esse nome nos contatos que com eles tiverem os membros do corpo docente ou administrativo da instituição”<sup>7</sup>.

Embora o nome social de travestis e transexuais já fosse considerado em alguns *campi* da instituição, tal atitude dependia da boa vontade e do empenho de professores e coordenadores mais sensíveis à discussão<sup>5</sup>. A aprovação da resolução assegurou esse direito de forma ampla, sinalizando, de maneira clara, para toda a comunidade acadêmica (professores, estudantes e funcionários) que alunos e alunas travestis e transexuais devem ter suas identidades de gênero respeitadas<sup>6</sup>.

Na escola, quando um docente se recusa a chamar uma estudante travesti pelo seu nome social, está ensinando e estimulando os demais a adotarem atitudes hostis em relação a ela e à diversidade sexual. Trata-se de um dos meios mais eficazes de se traduzir a pedagogia do insulto em processos de desumanização e exclusão no seio das instituições sociais (PRADO; JUNQUEIRA, 2011, p. 62).

Após a resolução, o Centro Universitário Una tem repensado práticas e processos operacionais de modo a torná-los mais inclusivos. Cursos de sensibilização e capacitação e oficinas voltados para professores e funcionários de todos os setores orientam sobre o assunto, esclarecendo dúvidas quanto a conceitos e práticas não-preconceituosas.

Mas, de fato, o maior ganho é retirar alunos e alunas travestis e transexuais da invisibilidade, reconhecendo-os em suas especificidades. Reconhecer o nome social tem grande impacto na trajetória escolar de estudantes travestis e transexuais, como muitos afirmaram à época<sup>7</sup>. A mesma resolução assegurou o uso do banheiro de acordo com sua identidade de gênero, solucionando um impasse no qual, infelizmente, com frequência, veem-se estudantes travestis e transexuais – que banheiro utilizar? É comum, diante desse impasse, escolas oferecerem como solução o uso do banheiro exclusivo às pessoas com deficiência ou o banheiro da sala dos professores. É uma falsa solução, pois desconsidera o aluno ou aluna trans e desnuda um despreparo da instituição, que evita se posicionar.

Outra importante iniciativa para a população transexual de Belo Horizonte foi implementada no segundo semestre de 2015: o TransForma-Esajuna surge da parceria entre o Una-se contra a LGBTfobia e o Escritório de Assistência Jurídica (Esajuna) do curso de Direito do Centro Universitário Una. O objetivo do projeto é a retificação judicial do nome civil de pessoas transexuais, mudando-lhes os nomes, por exemplo, na carteira de identidade e outros documentos.

Proposto por um estudante do curso de Direito da Una, Carl Benzaquen, hoje auxiliado pelo projeto, o Transforma-Esajuna já atendeu cerca de 20 pessoas, cuja maioria não é estudante da instituição<sup>8</sup>. O próximo passo é, em breve, promover a retificação do gênero nos documentos.

Com esse projeto, são beneficiados também os estudantes dos cursos de Serviço Social, Psicologia e Direito que cumprem estágio no Escritório de Assistência Jurídica da Una. “Periodicamente são oferecidas oficinas de capacitação para orientá-los a receber essa população tão discriminada. Assim, o projeto contribui para uma formação mais plural e cidadã desses estudantes”, informa o coordenador do projeto, professor Bruno Pacheco<sup>9</sup>. Um dos eventos promovidos com o intuito de ampliar a formação dos alunos do curso de Direito é o Colóquio “Transexualidades e Direitos”, que, em 2016, encontra-se em sua segunda edição (a primeira ocorreu em setembro de 2015). Par-

<sup>5</sup> O Instituto de Comunicação e Artes (ICA) já considerava o nome social de seus estudantes em documentos como a chamada há, pelo menos, dois anos.

<sup>6</sup> A resolução fundamentou-se em decisão do Conselho Nacional de Combate à Discriminação e Promoções dos Direitos de Lésbicas, Gays, Travestis e Transexuais (CNCD/LGBT), publicada no dia 12 de março no Diário Oficial da União, que estabeleceu em seu artigo primeiro: “devem ser garantidos pelas instituições e redes de ensino, em todos os níveis e modalidades, o reconhecimento e a adoção do nome social àqueles e àqueles cuja identificação civil não reflita adequadamente sua identidade de gênero, mediante solicitação do próprio interessado”.

<sup>7</sup> A aprovação da resolução no Centro Universitário Una recebeu razoável cobertura da mídia local pelo fato de a instituição ser uma das pioneiras em adotar essa medida em Minas Gerais. Estudantes transexuais foram entrevistados, ressaltando os benefícios da aprovação. Para mais informações, ver “Nome social de travestis e transexuais será utilizado na chama” (disponível em: <<http://www.otempo.com.br/cidades/nome-social-de-travestis-e-transexuais-ser%C3%A1-utilizado-na-chama-1.1030127>. Acesso em: 12 set. 2016), “Faculdades de BH adotam nome social de estudantes transgêneros” (disponível em: <<http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2015/04/faculdades-de-bh-adotam-nome-social-de-estudantes-transgeneros.html>>. Acesso em: 12 set. 2016).

<sup>8</sup> O número se refere até o primeiro semestre de 2016.

<sup>9</sup> Disponível em: <<http://revistaviag.com.br/em-minas-projeto-contra-lgbtfobia-ganha-premio-de-direitos-humanos-e-cidadania/>>. Acesso em: 12 set. 2016.

ceria entre o Una-se contra a LGBTfobia e o curso de Direito da Una, o colóquio promove o encontro entre academia e militância trans de Belo Horizonte e região para se discutir a legislação (ou a falta dela) no que se refere aos direitos das pessoas transexuais. O evento é aberto ao público de um modo geral, recebendo, em média, 70 pessoas por edição.

Em julho deste ano, o Transforma-Esajuna foi um dos ganhadores do XII Prêmio de Direitos Humanos e Cidadania LGBT, do Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais (CELLOS-MG), ONG responsável pela organização da Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte. O prêmio reconhece atitudes que fortaleceram a luta do Movimento LGBT e beneficiaram *gays*, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais no último ano. Em 2015, o Centro Universitário Una já havia recebido o prêmio devido à resolução que garante o uso do nome social.

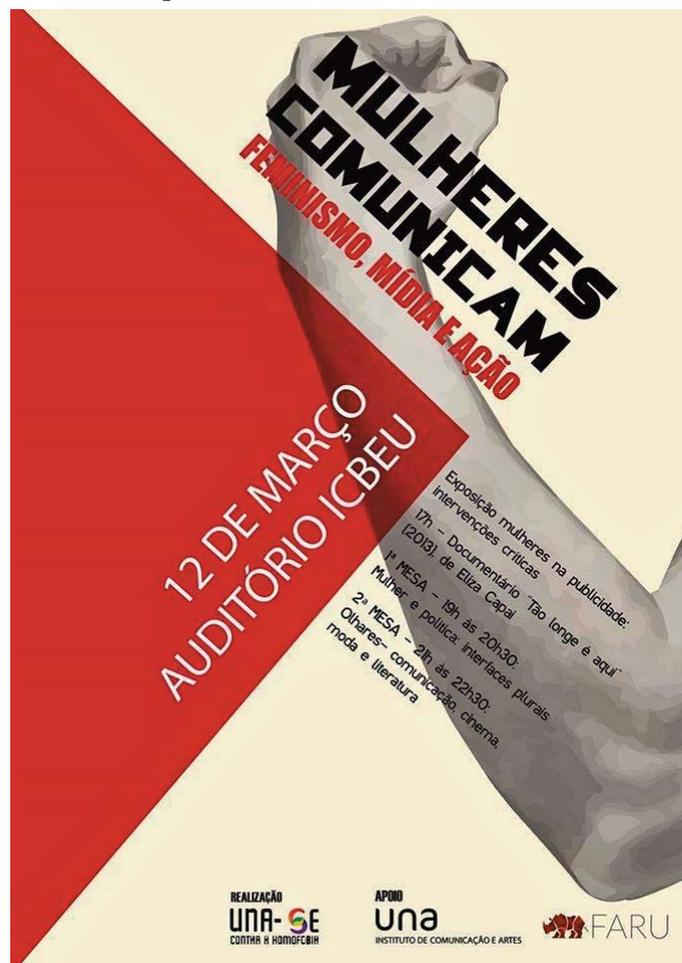
Tais ações voltadas à população trans buscam combater o alto grau de preconceito e violência que têm enfrentando essas pessoas em um ciclo perverso de exclusão, que passa pela família, pela escola e pelo trabalho.

Quando uma trans não consegue vencer a luta pela sobrevivência dentro da escola, acaba saindo mesmo antes de concluir o ensino fundamental. Diversos fatores como a pressão, o estigma, o nome ou até mesmo o não saber lidar com essa pessoa, faz o que a fuga da escola possa acontecer. Hoje temos dados de pesquisas realizadas que mostram, por exemplo, que grande parte da população de travestis e transexuais não chegou ao ensino médio porque a escola as excluiu antes mesmo de chegarem lá (REIDEL, 2013, p. 64-65).

Ao longo de sua trajetória, o Una-se contra a LGBTfobia tomou consciência de que construir uma cultura de respeito requer promover debates ampliados sobre outras minorias que sofrem injustiças históricas. Assim, em março de 2015, foi lançado o Ciclo de debates Mulheres Comunicam: feminismo, mídia e ação, cuja proposta foi resgatar a discussão sobre o Dia Internacional da Mulher sob uma ótica dos direitos. Para além de homenagens, buscou-se traçar um panorama das contradições e desafios da condição da mulher na contemporaneidade.

Assim, no dia 12 de março, foram organizadas duas mesas-redondas compostas por oito professoras do Instituto de Comunicação e Artes da Una de diferentes áreas. A primeira mesa, “Mulher e política: interfaces plurais”, abordou temas como ciberfeminismo, violência obstétrica, mulheres transexuais e empreendedorismo de mulheres negras. A segunda mesa, “Olhares: comunicação, cinema, moda e literatura”, analisou o papel da mulher em diferentes campos artísticos.

Figura 1 - Cartaz do primeiro Ciclo de Debates Mulheres Comunicam



Fonte: Arquivo Una-se contra a LGBTfobia.

O impacto do Mulheres Comunicam nas alunas e alunos foi extremamente positivo. No semestre seguinte, foram desenvolvidos pelos próprios estudantes diversos trabalhos pautados pelos debates ocorridos durante o evento. Em 2016, também em março, ocorreu sua segunda edição. Na ocasião, foi lançado o livro *Mulheres Comunicam: mediações, sociedade e feminismos* (editora Letramento). Na obra, “pensou-se em ‘mulheres’ e suas diferentes formas de se unirem em torno de diferentes necessidades relativas à questão do campo da comunicação, das mídias e de suas ações acerca das angústias que a sociedade reflete no campo acadêmico, atualmente” (VIEGAS *et al.*, 2016, p. 14).

O ciclo de debates Mulheres Comunicam não foi o primeiro evento criado pelo projeto Una-se contra a LGBTfobia que buscou promover uma discussão mais ampla sobre direitos das minorias. Desde 2012, no segundo semestre letivo, ocorre o Mês da Diversidade Casa Una, que traz palestras, mesas-redondas, sessões comentadas de filmes, exposições fotográficas e *performances* artísticas com o intuito de estimular, por exemplo, a discussão sobre a diversidade sexual e de gênero, sobre o preconceito racial no Brasil, a inclusão de pessoas com deficiências e as manifestações culturais de jovens da periferia. O Mês da Diversidade encontra-se, em 2016, em sua quarta edição. Atualmente, conta com o apoio na organização de outros projetos do Centro Universitário Una.

Figura 2 - Cartaz do II Mês da Diversidade Casa Una



Fonte: Arquivo Una-se contra a LGBTfobia.

## Conversando com o mundo

Uma vez que uma escola existe em uma cidade (afeta e é afetada pelo ambiente que a rodeia), o Una-se contra a LGBTfobia busca dialogar com diferentes atores sociais na cidade de Belo Horizonte: outras faculdades e universidades, outros projetos de extensão (dentro e fora do Centro Universitário Una), coletivos e ONG LGBT, órgãos governamentais, como secretarias e centros de referência, conselhos profissionais, como o de Psicologia e o de Serviço Social de Minas Gerais.

Diferentes ações são desenvolvidas com os parceiros, como a cobertura das Paradas do Orgulho LGBT de Belo Horizonte e Contagem, cidade da Região Metropolitana da capital mineira, e a cobertura da III Conferência Estadual de Políticas Públicas e Direitos Humanos de LGBT, em outubro de 2015, na cidade de Caeté (MG). São ofertadas também oficinas de capacitação sobre gênero e diversidade para o público externo: professores de Ensino Fundamental e Médio de escolas da Grande Belo Horizonte, militantes e coletivos LGBT, empresas e estudantes de outras instituições de ensino superior. O Una-se contra a LGBTfobia participa ainda do Comitê de acompanhamento do Programa BH sem Homofobia, da Prefeitura de Belo Horizonte.

Desde o início do projeto, em 2011, foi criada uma página no *Facebook* atualizada diariamente com postagens que trazem reportagens que abordam a questão LGBT em publicações jornalísticas. A página também serve para divulgar as ações que o projeto desenvolve ao longo dos semestre. Atualmente, conta

com 5.762 seguidores – a maioria de brasileiros (5.566), mas verificam-se também pessoas de Portugal (37), Estados Unidos (23), México (16) e Argentina (15). No Brasil, os seguidores são principalmente de Belo Horizonte (2.447), Rio de Janeiro (290), São Paulo (286) e Contagem (186). Pessoas de cidades de outras regiões do país também marcam presença, como Recife (42), Goiânia (34) e Macapá (31)<sup>10</sup>.

Uma campanha promovida pelo projeto, que alcançou grande repercussão nas redes sociais, foi a “Beijos contra a Intolerância”, lançada em abril de 2013. Com imagens em preto e branco produzidas nos estúdios do Centro Universitário Una, a proposta da ação foi contrapor os crescentes discursos de ódio que circulavam em produtos da mídia e na fala de líderes religiosos e políticos a fotos que representavam manifestações de afeto entre amigos, casais homo ou hetero, mãe e filho, professores e estudantes. Ao todo, foram mais de 150 pessoas retratadas. Durante a campanha, a página do Una-se teve um alcance semanal de 91.500 pessoas. Idealizado pelo então coordenador do curso de cinema da Una, Júlio Pessoa, a campanha “Beijos contra a Intolerância” contou com uma equipe de mais de 50 pessoas entre professores, técnicos e alunos para que fosse realizada. A ação teve repercussão nacional, chegando a ser premiada.

Figura 3 - Foto da campanha “Beijos contra a Intolerância”



Fonte: Arquivo Una-se contra a LGBTfobia.

Figura 4 - Foto da campanha “Beijos contra a Intolerância”



Fonte: Arquivo Una-se contra a LGBTfobia.

## Considerações finais

Para se construir uma cultura de respeito no ambiente universitário, é necessário que todos se vejam envolvidos nas diversas ações promovidas. De fato, o alcance do projeto Una-se contra a LGBTfobia baseia-se nas muitas parcerias que surgiram ao longo dos seus cinco anos: dos professores do Centro Universitário Una às coordenações de cursos, do setor de comunicação à Reitoria, passando pelos funcionários de diferentes setores. Especialmente, o projeto conta com o apoio de estudantes que atuam voluntariamente nas diversas ações, pos-

<sup>10</sup>Disponível em: <<https://www.facebook.com/Una-se-Contra-a-LGBTfobia-322157784577735/?ref=ts&fref=ts>>. Acesso em: 11 set. 2016

sibilitando a vitalidade do Una-se. Essa pluralidade de sujeitos envolvidos com seus olhares indica o caminho para se repensar as relações no ambiente universitário e no seu entorno.

Talvez seja mais produtivo para nós, educadoras e educadores, deixar de considerar toda essa diversidade de sujeitos e de práticas como um ‘problema’ e passar a pensá-la como constituinte do nosso tempo. Um tempo em que a diversidade não funciona mais com base na lógica da oposição e da exclusão binária, mas, em vez disso, supõe uma lógica mais complexa (...) Não eliminamos a diferença, mas, ao contrário, observamos que ela se multiplicou – o que nos indica o quanto ela é contingente, relacional, provisória (LOURO, 2013, p. 52-53).

### Referências Bibliográficas:

- BORRILLO, Daniel. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- JUNQUEIRA, Rogério. Homofobia nas escolas: um problema de todos. In: \_\_\_\_ (Org.). *Diversidade Sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: MEC/Secad/Unesco, 2009. p. 13-51.
- LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: \_\_\_\_\_. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 35-82.
- \_\_\_\_\_. Currículo, gênero e sexualidade – o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. *Corpos, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 43-53.
- MISKOLCI, Richard. Sexualidade e orientação sexual. In: \_\_\_\_\_. *Marcas da diferença no ensino escolar*. São Carlos: EduFSCar, 2010. p. 75-89.
- PRADO, Marco Aurélio Máximo; JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia, hierarquização e humilhação social. In: VENTURI, Gustavo; BOKANY, Vilma. *Diversidade sexual e homofobia no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011. p. 51-71
- PRADO, Marco Aurélio Máximo; MACHADO, Frederico Viana. *Preconceito contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade*. São Paulo: Cortez, 2008.
- REIDEL, Marina. Ser trans e as interlocuções com a educação. In: NARDI, Henrique Caetano; SILVEIRA, Raquel da Silva; MACHADO, Paula Sandrine. *Diversidade sexual, relações de gênero e políticas públicas*. Porto Alegre: Sulina, 2013. p. 62-72.
- VIEGAS, Daniela *et al.* *Mulheres comunicam: mediações, sociedade e feminismos*. Belo Horizonte: Letramento, 2016.